

R\$2

(11) 9.4101-1917



opiniaosocialista



www.opiniaosocialista.com.br



@opsocialista



Portal do PSTU



@opiniaosocialista

VEM COM A GENTE!

CONTRA OS
BILIONÁRIOS
CAPITALISTAS,
É REVOLUCIONÁRIO
E SOCIALISTA
DESSA VEZ!



Fortaleça um projeto socialista para as cidades
e o Brasil, de oposição de esquerda ao governo
Lula e para derrotar o sistema e a ultradireita

Páginas 8 a 10

ELEIÇÃO EUA

Entre Biden e Trump, não
há escolha. Por um partido
da classe trabalhadora

Páginas 12 e 13

NACIONAL

Lula fala contra
bilionários, mas
governa pra eles

Páginas 6 e 7

EDUCAÇÃO FEDERAL

Um balanço da greve e
da campanha salarial
dos servidores

Páginas 4 e 5

pág inadois

CHARGE



FALOU BESTEIRA

“Selva!”



Termo que é um jargão militar para “OK” ou “tudo bem”, usado por **Jair Bolsonaro**, em mensagem a Mauro Cid, seu ajudante de ordens, depois que este avisou ao ex-presidente sobre o leilão do “kit de joias” que seria realizado nos EUA.

As joias foram recebidas como presentes, enquanto ocupava o cargo de mandatário da República, conforme investigações da PF.



PANTANAL

Próximo ao ponto de não retorno

O Pantanal está em chamas. A área do bioma queimada neste ano chegou, até o último dia 23, a 627 mil hectares, segundo dados da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No Pantanal, foram registrados 3.262 focos de incêndio, entre 1º de janeiro e 23 de junho. O número é 22 vezes o registrado no mesmo período do ano passado, segundo o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe). Especialistas afirmam que a situação pode piorar, pois o auge da estação seca começa entre o final de julho e agosto. Um estudo divulgado pelo WWF Brasil alertou para a possibilidade de que as secas seguidas, combinadas com incêndios florestais e desmatamento, levem o Pantanal à possibilidade de



chegar ao ponto de não retorno, quando o meio ambiente perde a capacidade de regeneração. Os grandes fazendeiros são os principais agentes das queimadas. O Ministério Público investiga 12 fazendeiros proprietários de terras onde começaram os focos de incêndio. O pior ainda está por vir. A seca

vai se agravar e queimadas incontroláveis podem destruir milhares de quilômetros não só do Pantanal, mas da Amazônia e do Cerrado, que também passam por uma seca severa. Em praticamente todos os biomas brasileiros estão sendo registrados aumentos de focos de incêndios.

CÂMARA DOS DEPUTADOS APROVA O NEM

Exigir de Lula o veto ao projeto que ataca a Educação

No dia 9, o Novo Ensino Médio (NEM) foi aprovado pela Câmara dos Deputados e vai aprofundar a desigualdade social entre as escolas dos pobres e trabalhadores e as escolas dos ricos. O NEM cria dois ensinos diferentes: o regular e o técnico. E é no “técnico”, justamente a escolha preferencial dos jovens trabalhadores, que se concentra a maior parte dos ataques. O projeto foi aprovado com a comemoração de fundações empresariais, como a de Lemann, do Ministério da Educação e, também, do próprio ministro Camilo Santana. Embora tenha feito críticas pontuais a medidas do projeto,

o governo nunca se posicionou contra a privatização da Educação e as alternativas capitalistas para transformar jovens em mão de obra não remunerada das empresas, que é justamente o que esse projeto propõe. O governo tem acordo com o projeto de “resolver” os déficits de emprego para os jovens



através de “soluções” construídas com as empresas privadas, iniciativas chamadas de “transição escola-trabalho”, sendo o NEM a principal aposta neste sentido. O projeto, agora, vai para a sanção presidencial. A missão de todo jovem trabalhador e estudante é a de lutar para exigir que Lula revogue o NEM. Também devemos exigir que as entidades nacionais dos estudantes universitários e secundaristas, a UNE e a UBES, convoquem reuniões e mobilizações estudantis para pressionar o governo e derrubar o NEM. Lula, revogue o NEM, já! UNE e UBES, convoquem a luta estudantil pela base!



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Entre o discurso e a prática

Aúltima pesquisa do Instituto Quaest mostra uma melhora na avaliação do governo Lula, de 33% para 36%. Parece colaborar para esse resultado uma relativa estabilidade nos empregos e na inflação, ainda que num quadro de precarização crescente e corrosão geral da renda das famílias mais pobres.

Não é coincidência, também, que o crescimento na popularidade ocorra após uma leva de falas, declarações e entrevistas nas quais Lula criticou os bilionários e prometeu não fazer ajuste fiscal em cima dos mais pobres; defendendo, ainda, os investimentos sociais. Dos pesquisados, por exemplo, 90% “concordam” quando Lula afirma que o salário mínimo deve subir acima da inflação. A grande contradição é que, enquanto fala isso, o governo, na prática, propõe e implementa uma política contrária a tudo isso.

PALAVRAS, O VENTO LEVA

Na prática, Lula vem governando com e para os bilionários, o sistema financeiro e os mercados. Impõe o Arcabouço Fiscal, que retira recursos das áreas sociais para o pagamento da dívida aos banqueiros. Mantém isenções e subsídios bilionários às grandes empresas e, ainda, anuncia um Plano Safra recorde ao agronegócio. Além disso, acabou de aprovar a reforma do Ensino Médio, junto com o Centrão e as empresas privadas do setor.

Essa contradição entre o discurso e as práticas do governo vai ficando ainda mais explícita para alguns setores dos trabalhadores. Já sentem isso os servidores públicos federais, que amargam uma defasagem de mais de 26% nos últimos anos, e tiveram de engolir 0% de reajuste este ano. O setor da Educação foi à luta, numa greve mais do que legítima, e foi tratado com truculência e deboche pelo governo.

O governo não toma as medidas necessárias para



reverter a profunda desigualdade social e não consegue resolver os problemas que afigem a grande maioria da população. Lula afirma, de forma recorrente, que já fez isso.

Mas, tanto não é assim que os problemas estruturais do Brasil se mantiveram com força, ainda durante os governos do PT e, depois, se agravaram com Temer e Bolsonaro. A própria experiência dos governos anteriores do PT deveria servir de reflexão para demonstrar como é impossível fazer qualquer mudança significativa que não passe por enfrentar os bilionários capitalistas.

AO MANTER O CAPITALISMO INTACTO, O GOVERNO AJUDA A ULTRADIREITA

Ao governar o capitalismo, sem enfrentar os bilionários, mas, pelo contrário, governando com e para eles, o Governo Federal não só não atende as reivindicações dos trabalhadores, como também administra o sistema capitalista e a barbárie da qual a ultradireita se alimenta.

O que pode encerrar esse ciclo infernal em torno de uma sucessão de alternativas burguesas é uma alternativa dos trabalhadores,

que tenha independência da burguesia, com um programa revolucionário e socialista que consiga não só derrotar os governos, mas acabar, também, com este sistema de exploração e opressão através de uma revolução socialista.

ELEIÇÕES E PERIGOSA FARSA DO MAL MENOR

Estamos a poucos meses das eleições municipais. Setores da esquerda, como o PSOL, defendem uma política de Frente Amplia, para combater o bolsonarismo e a ultradireita. Em São Paulo, chegaram ao cúmulo de incluir um ex-comandante das Rondas Ostensivas Tobias Aguiar, a Rota, na elaboração do programa de Segurança de Guilherme Boulos. É a reedição, de forma cada vez mais rebaixada, de um voto pelo mal menor.

Qual é o problema disso? Foi de mal menor a mal menor que permanecemos afundados nesse fosso de desigualdade social, enquanto o país, cada vez mais submisso ao imperialismo, é um paraíso para banqueiros, especuladores e bilionários. E, ainda, a ultradireita se fortalece. Vimos isso acontecer não só no Brasil, mas também na Argentina,

aqui do lado.

Mas, não seria correto nos juntarmos todos nas eleições contra a ultradireita? Primeiro, foi justamente isso que os setores majoritários da esquerda fizeram nos últimos 30 anos, ao redor de Lula e do PT, o que não impediu o crescimento da ultradireita. Muito pelo contrário. Acelerou o processo de desmoralização e a única coisa que impediu, de fato, foi o surgimento de uma alternativa à esquerda, socialista e antissistema, ao bolsonarismo.

Contra a extrema direita, temos que nos unir, na luta, com todos que estejam dispostos. É preciso também unir todos os setores da classe trabalhadora em defesa de nossas reivindicações e isso, necessariamente, bate de frente com o projeto neoliberal social do governo Lula-Alckmin, cujo Arcabouço Fiscal garante o controle do orçamento pelos banqueiros, contra os trabalhadores, como vimos na greve da Educação e, agora, na greve dos trabalhadores do Ibama.

Por exemplo, para lutar contra a precarização dos serviços públicos, precisamos derrotar o Arcabouço Fiscal de Lula. Não há outro caminho.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE A SERVIÇO DA LUTA PELO SOCIALISMO

As eleições, porém, configuram um momento no qual podemos apresentar um projeto de cidade, de país, e um programa para sociedade e a classe trabalhadora. E é preciso apresentar uma alternativa de classe, revolucionária e socialista, que defenda um programa contra os bilionários e o capitalismo, e não uma proposta de “mal menor”, com a benção dos banqueiros e dos grandes empresários, em aliança com o PSDB, o MDB, o Centrão e cia.

Frentes com o PT e a direita podem derrotar, num primeiro momento, o bolsonarismo nas eleições. Mas, ao não atenderem as necessidades dos trabalhadores, elas só fortalecem a extrema direita, mais adiante.

As pré-candidaturas do PSTU têm esse objetivo: apresentar, debater e fortalecer uma alternativa de independência de classe para os trabalhadores, que permita à nossa classe avançar na consciência, organização e capacidade de luta. É uma obrigação dos revolucionários, ainda mais no 1º turno das eleições, apresentar e defender um projeto socialista e revolucionário, um conjunto de medidas que atenda, de fato, às necessidades da ampla maioria da população e que mostre que o caminho para conquistá-las é a mobilização, a organização e um governo dos trabalhadores, que realmente enfrente os bilionários capitalistas, que não só são privilegiados no orçamento, como usurpam toda a riqueza que nós, trabalhadores, produzimos.

As pré-candidaturas do PSTU visam fortalecer uma alternativa revolucionária e socialista para as cidades e para o Brasil, para que os trabalhadores possam mudar esse país de verdade e não serem eternos reféns do mal menor, que longe de derrotar a direita e o sistema que a reproduz, pavimenta o seu caminho.

UM BALANÇO NECESSÁRIO

Greve da Educação Federal e a campanha salarial dos servidores

Apesar da postura intransigente do governo Lula e das direções sindicais governistas, greve deixou algumas lições importantes aos trabalhadores e trabalhadoras da educação federal

 EDUARDO ZANATA,
DA SECRETARIA SINDICAL NACIONAL DO PSTU

Agreve da Educação Federal, encerrada em junho, foi o enfrentamento mais importante que classe trabalhadora teve com o atual governo Lula. O final da greve foi marcado por algumas vitórias políticas importantes e um acordo econômico ruim.

A greve, assim como a mobilização de outras categorias de servidores federais, não conseguiu derrotar o governo e o seu reajuste zero em 2024. Não conseguiu uma reestruturação efetiva das carreiras da Educação Federal, não garantiu a reposição das perdas salariais e arrancou uma reposição muito tímida das verbas das universidades e institutos federais.

A proposta fechada com o governo basicamente impede a perda inflacionária durante os próximos quatro anos. Mas, esse acordo ficará sob o risco de não ser cumprido pelo governo, diante da pressão do setor financeiro para garantir o Arcabouço Fiscal.

Embora muito aquém do que se pedia, o acordo é

maior do que o governo gostaria de ter concedido, algo que só foi possível pela enorme força demonstrada pela greve, uma das maiores dos últimos tempos. Além disso, a greve impulsionou a organização e a confiança da categoria em suas próprias forças e revelou o papel traidor das direções sindicais governistas, que saíram desgastadas e desmoralizadas.

DECEPÇÃO ALIMENTOU A GREVE E GEROU UMA REBELIÃO

Grande parte dos trabalhadores e trabalhadoras da Educação Federal tinham grandes expectativas de que, com Lula, haveria mudanças na situação de precariedade no ensino superior federal. Mas, o presidente ignorou suas promessas de campanha e, no seu primeiro ano de governo, aprovou o Arcabouço Fiscal para garantir o teto de gastos exigido pelos banqueiros e grandes empresários.

Com isso, em 2024, no primeiro orçamento elaborado pelo novo governo, os



Governo Lula manteve reajuste zero, em 2024, nos salários dos servidores federais

servidores foram “presenteados” com reajuste zero e, para as universidades e institutos federais, com um corte de mais de R\$ 300 milhões nas verbas de custeio.

A expectativa em Lula começou a virar decepção e revolta. Foi esse sentimento de traição que alimentou a mobilização dos técnicos-administrativos das universidades e institutos federais, que, depois, contagiou os docentes e levou o movimento à greve nacional.

Nesse momento, esse mesmo sentimento impulsiona a greve da área ambiental, que foi judicializada

por Lula, e a greve dos servidores do INSS, marcada para o dia 16.

INDIGNAÇÃO AUMENTOU

Durante a greve, a indignação com Lula aumentou muito. Em primeiro lugar, pela postura intransigente do governo, que lutou todo o tempo para não fazer qualquer tipo de concessão ao movimento e, até o fim, manteve sua decisão de conceder zero de reajuste em 2024.

Em segundo lugar, o movimento foi marcado pela prática antissindical adotada na negociação, com ultima-

tos, manobras, tabelas erradas e a construção da farsa do acordo com a Federação de Sindicatos de Professores e Professoras de Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, a PROIFES-Federação, uma entidade fantasma, controlada pelo PT e pela CUT, que assinou um acordo contra a decisão das suas assembleias de base.

Em terceiro lugar, a postura do governo foi caracterizada por suas declarações públicas, atacando a greve e dizendo que os servidores deveriam agradecer ao governo, ao invés de criticá-lo.

DINHEIRO PROS BILIONÁRIOS

“Tem dinheiro para banqueiro, mas não tem para Educação”

A indignação com o governo cresceu também em função do cinismo de Lula, afirmando que estava fazendo tudo ao seu alcance pela Educação. Uma grande mentira, que ficou evidente para os grevistas.

O governo se nega a conceder um reajuste salarial em 2024 e a recomposição das verbas dos institutos e universidades federais, que te-

riam um custo anual de menos de R\$ 10 bilhões. Contudo, continua cedendo uma enorme fatia das verbas públicas ao agronegócio, às grandes indústrias e ao setor financeiro.

Com aquilo que a União gasta em apenas dois dias com a dívida pública (R\$ 10,5 bilhões), seria possível garantir mais de 7% para recomposição salarial, em 2024, e

os R\$ 4 bilhões que pedem os reitores para as verbas de custeio das universidades e institutos federais.

Com 2% dos R\$ 519 bilhões concedidos em isenções fiscais aos grandes empresários, somente em 2023, seria possível quase triplicar a proposta de reajuste salarial fechada com o governo, que custará R\$ 6,2 bilhões, em dois anos.



Em greve, servidores marcham em Brasília

MANOBRAS

Lula se apoia nas direções governistas para tentar derrotar o movimento



Para impor sua proposta salarial, Lula se apoiou nas direções governistas das entidades sindicais (PT, PSOL, PCdoB, PCB e UP), que buscaram impedir e, depois, controlar a greve, para não afetar a popularidade do governo.

A primeira traição foi abandonar a campanha salarial unificada e semeiar ilusões nas mesas específicas, que têm se mostrado desastrosas. Com essa postura, as entidades de servidores

federais dividiram o movimento e isolaram a greve da Educação Federal. Entidades importantes, como a Confederação dos Trabalhadores Serviço Público Federal (Condsef), sequer entraram na greve.

A segunda traição foi tentar impedir a greve na Educação Federal, mas, neste caso, foram atropelados pela base. Durante a greve, passaram semanas preparando o desmonte da paralisação e não se cansaram em repetir

argumentos para defender o governo: “A greve não pode se prolongar, para não fortalecer o fascismo”, “Lula, assuma as negociações” etc.

Foram inúmeras manobras, práticas burocráticas e antidemocráticas nos comandos de greve nacional e locais, para tentar impedir que a vontade das bases prevalecesse na condução da greve. Mesmo assim, o movimento conseguiu impor ações radicalizadas e mobilizações nacionais.

NOVA DIREÇÃO

Superar as direções governistas e lutar para derrotar o projeto neoliberal

A greve deixou algumas lições importantes. Está claro que Lula não vai resolver os problemas da Educação pública. Seu compromisso é governar com e para os grandes empresários, lhes garantindo todo tipo de privilégio fiscal e grandes fatias do orçamento. Contudo, não é possível governar para a burguesia e para os trabalhadores ao mesmo tempo.

Para garantir os investimentos nas universidades e institutos federais, a valorização salarial e o fim do processo de privatização, é preciso derrotar o Arcabouço Fiscal de Lula. E isso só será possível construindo um poderoso processo de mobilização, que envolva não apenas o setor da Educação, mas todos os setores da nossa classe.

Para isso, é necessário construir uma nova direção para as entidades sindicais. Uma direção sindical que se paute pela independência de classe e assegure a democracia operária como método de condução do movimento. Que organize e impulse a luta da classe trabalhadora por suas demandas e, conse-

quentemente, para enfrentar e derrotar o governo.

COMO COMBATER A ULTRADIREITA?

Isso não implica descuidar da luta contra a ultradireita, que segue como uma ameaça concreta contra a classe trabalhadora. Mas, é falacioso o argumento de que combater Lula ajuda a ultradireita, pois Lula não a está combatendo.

Pelo contrário, quando aplica as diretrizes do Arcabouço Fiscal, atua para derrotar e desmoralizar as lutas dos trabalhadores; quando “passa a mão na cabeça” dos chefes da tentativa de golpe do ano passado, está justamente pavimentando o caminho para a volta desse setor ao poder.

Nosso desafio é a construção de uma forte oposição pela esquerda ao governo Lula, sem descuidar do combate à ultradireita. Uma oposição que se apoie na organização e na mobilização da nossa classe, em defesa das demandas do povo trabalhador e dos interesses do país, e que tenha como perspectiva colocar os trabalhadores e trabalhadoras



para governar o Brasil, através das suas organizações e de conselhos populares.

Só assim abriremos caminho para a superação do capitalismo, um sistema em

que a riqueza está a serviço do lucro e do enriquecimento de poucos. Assim, podemos dar curso à construção do socialismo, garantindo não apenas uma Educa-

ção pública, de qualidade e a serviço do desenvolvimento cultural, científico e tecnológico do país, como também uma vida digna e humana para todos e a todas.

LULA NA PRÁTICA

Enquanto critica bilionários, governo corta benefícios sociais e dá bilhões às grandes empresas e ao agronegócio

 **DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO**

As recentes declarações de Lula criticando a desigualdade, o acúmulo de riquezas dos bilionários e em defesa dos gastos sociais poderiam fazer crer que o governo, tocado por obra e graça do Espírito Santo, deu um cavalo de pau em sua política econômica e resolveu reverter o que fez até agora, como o regime de austeridade e arrocho representado pelo novo Arcabouço Fiscal. Mas, na prática, a história é outra.

Ao mesmo tempo em que, no G20, o governo defende a taxação dos super-ricos, sabendo que mesmo isso tem chances mínimas de ir a frente, aqui no Brasil faz uma reforma Tributária que recai integralmente sobre o consumo, atingindo as famílias mais pobres. Da mesma forma que, enquanto Lula afirma em entrevistas que não vai mexer na previdência ou na saúde e educação, o governo anuncia um corte de R\$26 bilhões em gastos sociais, mais especificamente em benefícios do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e assistenciais, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), pago a idosos e pessoas com deficiência de baixa renda.

Não para por aí. Em junho, Lula afirmou estar “perplexo” com o volume de isenções e

subsídios fiscais aos ricos. “A gente discutindo corte de R\$ 10 bilhões, R\$ 12 bilhões, R\$ 15 bilhões aqui e de repente você descobre que tem R\$ 546 bilhões de benefício fiscal para os ricos deste país. Como é que é possível?”, declarou à rádio CBN. Pois bem, duas semanas depois, anunciou um Plano Safra de R\$ 400 bilhões ao agronegócio, um valor recorde concedido aos grandes produtores rurais.

DIVISÃO DE TAREFAS

O governo Lula segue com sua tática do policial mal e do bonzinho. Uma divisão de tarefas que deixa o papel de fazer um discurso contra os bilionários e a desigualdade ao presidente, muito provavelmente baseado em pesquisas internas de opinião pública, e ao ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e à ministra do Planejamento, Simone Tebet, a responsabilidade de anunciar a política efetivamente implementada na prática: cortes sociais e ajuste fiscal em favor dos bilionários.

Vejamos, Haddad e Tebet indicaram a intenção do governo acabar com o mínimo constitucional da saúde e educação. Hoje, o piso que a Constituição estabelece para a saúde é de 15% do orçamento, e 18% para a educação. O problema é que essa regras bate de frente com o Arcabouço Fiscal do governo, que impõe um limite de 0,6% a



Lula anunciou um Plano Safra de R\$ 400 bilhões ao agronegócio, o maior da história

2,5% de aumento nos gastos públicos, atrelado à elevação da arrecadação e à meta fiscal. Isso significa que, ou cai o arcabouço, ou cai a vinculação da saúde e educação.

A desoneração da folha de pagamento de 17 setores da economia, que o governo não se mexeu para derrotar no Congresso Nacional, e a concessão de ainda mais subsídios, pressiona o governo a avançar no ajuste fiscal, a exemplo dos 0% de reajuste ao funcionalismo federal. Para isso, o governo busca aqui e ali, uns trocados para compensar as bondades aos grandes empresários, e, ao mesmo tempo, manter o Arcabouço Fiscal exigido pelos banqueiros e o mercado. Uns trocados em cima dos pobres, como os cortes nos benefícios previdenciários e a taxação da importação das blusinhas de até 50 dólares.

MERCADO EXIGE MAIS

Porém, os banqueiros e o mercado exigem mais. E o governo está sempre atento e disposto a atender. Haddad se reuniu com grandes banqueiros em junho, incluindo o CEO do Santander, para tratar do arcabouço. Segundo relatos à imprensa, o ministro se comprometeu a fazer três coisas: cumprir a meta fiscal, cortar o que for necessário para atingi-lo, e não mudar, em hipótese nenhuma, o Arcabouço Fiscal.

Coincidemente, a mesma resolução divulgada após a reunião da equipe econômica com Lula, divulgada a fim de acalmar os mercados e dissipar qualquer dúvida de que Haddad estaria desgastado, ou que o governo flexibilizaria o teto de gastos. “A primeira coisa que o presidente determinou é: cumpra-se o Arcabouço Fiscal”, declarou Haddad, reforçando que Lula deu sinal verde para que o teto de gastos seja “preservado a todo custo”.

No próximo dia 22, quando será divulgado o Relatório Bimestral de Receitas e Despesas Primárias (o levantamento de que pé está o ajuste realizado pelo governo para cumprir a meta de déficit zero), espera-se que o governo anuncie uma

nova leva de cortes. Especula-se algo em torno de R\$10 bilhões.

Os banqueiros e o mercado, no entanto, querem ainda mais. Como afirmou o economista-chefe da consultoria MB Associados, um vassalo do sistema financeiro, ao jornal Folha de S. Paulo, “o grosso do ajuste necessário terá que passar em algum momento por ajustes nos gastos de educação, saúde e previdência”.

O problema do governo Lula, porém, não se deve ao fato de que atenderia pouco o mercado, ou, como repete grande parte da imprensa e a ultradireita, gastaria muito com áreas sociais. Pelo contrário, o real problema do país é que, sob o governo Lula, os super-ricos continuam mamando no orçamento, explorando os trabalhadores, entregando o país e mandando os lucros para fora. Enquanto isso, a maioria da população convive com a precarização, uma renda arrochada, serviços públicos como saúde e educação são cada vez mais sucateados. Apesar de dizer que não vai atender os bilionários ou os capitalistas, Lula segue, na prática, governando o capitalismo e fazendo tudo o que a burguesia quer.

Foto: Ministério da Fazenda/Divulgação



Ministério da Fazenda anuncia um corte de R\$26 bilhões em benefícios sociais e assistenciais do INSS

Foto: Jelison Alves/Agência Brasil

NA PRÁTICA, A HISTÓRIA É OUTRA



O QUE LULA DISSE

“ O Brasil está impulsionando a proposta de taxação dos super-ricos nos debates do G20. Nunca antes o mundo teve tantos bilionários. Estamos falando de três mil pessoas que detêm quase US\$ 15 trilhões em patrimônio. Isso representa a soma dos PIBs (Produtos Internos Brutos) do Japão, da Alemanha, da Índia e do Reino Unido ”



O QUE O GOVERNO FAZ

Além de não taxar os super-ricos, fez uma reforma Tributária que incide sobre o consumo, prejudicando as famílias mais pobres. Também impõe cortes sociais, mantém os subsídios e isenções bilionárias às grandes empresas e acabou de conceder um Plano Safra de R\$ 400 bilhões aos bilionários do agronegócio.



O QUE LULA DISSE

“ Eu vou dizer em alto e bom som: a gente não vai fazer ajuste em cima dos pobres. Achar que nós temos que piorar a saúde e piorar a educação para melhorar... Isso é feito há 500 anos no Brasil. Há 500 anos, o povo pobre não participava do Orçamento. ”



O QUE O GOVERNO FAZ

Segundo o próprio Haddad, Lula determinou que o Arcabouço Fiscal “seja preservado a todo custo”. Nesta linha, o governo determinou um corte de R\$ 26 bilhões sobre benefícios do INSS e sociais, como o BPC, pago a idosos e pessoas com deficiência de baixa renda.

LULA X CAMPOS NETO

Enfrentar o Banco Central de verdade, não só nas palavras



Campos Neto, presidente do Banco Central

As últimas semanas foram marcadas pelo aumento de tom de Lula e integrantes do governo contra o presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto. Num momento em que o BC decide manter a taxa de juros em 10,5%, a segunda maior do mundo e que faz do país um verdadeiro paraíso para o lucro fácil e

rápido de mega especuladores internacionais, Campos Neto não esconde suas preferências políticas, marcando presença em “homenagem” da Assembleia Legislativa de São Paulo e jantar com o governador de São Paulo, o também bolsonarista Tarcísio de Freitas. Campos Neto, aliás, chegou a dizer que ocuparia um ministério

num eventual mandato presidencial de Tarcísio.

O presidente do BC é sim um bolsonarista, e a independência do banco foi a institucionalização do domínio direto do mercado financeiro sobre a política monetária do país. O que Lula não diz, porém, é que o governo nada faz para mudar isso. No último dia 19 de junho, quando o Comitê de Política Monetária (Copom), decidiu manter essa taxa de juros absurda que só remunera banqueiros, essa decisão foi aprovada por unanimidade, inclusive pelos 4 dos 8 diretores indicados por Lula. Vale lembrar que cada ponto da taxa de juros representa R\$ 42 bilhões/ano a mais para os banqueiros via pagamento de juros da dívida.

Uma das desculpas utilizadas foi que o emprego aumentou mais do que esperado, logo, os juros deveriam servir

para dar uma freada na economia. O que, evidentemente, não é verdade, já que o desemprego real, e a informalidade, permanecem altos. Isso serve para mostrar como o Estado e a sua política econômica funcionam para garantir os interesses dos banqueiros, mesmo que para isso tenha que jogar contra o emprego, mesmo a própria lei de autonomia do BC afirmar que, além da inflação, o objetivo do banco é “fomentar o pleno emprego”.

O governo poderia, através do Conselho Monetário Nacional, no qual tem ampla maioria dos membros, alterar a meta de inflação dos atuais 3% para um número maior. O que isso mudaria? O papel do BC, oficialmente, é o de garantir o cumprimento da meta de inflação definida pelo governo. Com uma meta maior, não haveria justificativa para manter

os juros na estratosfera. Mas isso desagradaria o mercado, então o governo sequer cogita.

Mais do que isso, caso Lula realmente tivesse interesse, poderia simplesmente pedir a destituição de Campos Neto no Senado, o que também está na própria lei de autonomia do BC. Mas, isso, tampouco parece provável.

As escaramuças entre Lula e Campos Neto, assim, são mais pontuais do que propriamente sobre a política econômica que o governo leva adiante. Claro que Lula não quer os juros lá em cima, pois isso atrapalha a perspectiva de reeleição. Porém, tampouco o governo está disposto a enfrentar os banqueiros. Ao contrário, cada vez mais mostra sua disposição em governar para eles, mesmo que para isso tenha que atacar a saúde, a educação e os aposentados.

ELEIÇÕES 2024: REVOLUCIONÁRIO E SOCIALISTA DESSA VEZ

É necessário apresentar um projeto revolucionário e socialista para as cidades e o país



DA REDAÇÃO

Apolarização política vem crescendo no mundo como vimos nas recentes eleições francesas. Nesta eleição municipal no Brasil não será diferente. O debate político estará atravessado pela polarização Lula e Bolsonaro. Em um contexto aonde Lula governa o país com um projeto capitalista neoliberal social e de defesa da democracia dos ricos (cada vez menos democrática) e o bolsonarismo faz uma oposição de extrema direita com um projeto capitalista ultraliberlal e autoritário.

Apesar de Lula dizer que prioriza o pobre no orçamento e toda sua retórica supostamente em defesa dos mais pobres, são os ricos e os banqueiros que têm prioridade no orçamento do governo, que vem atendendo aos bilionários capitalistas, como vimos com a liberação de R\$ 300 bilhões para as grandes empresas (aqueles que faturam mais de R\$ 300 milhões) do setor industrial; os R\$ 20 bilhões em isenções no Programa Mover para garantir os lucros das montadoras; o Plano Safra de R\$ 400 bilhões para engordar os cofres do agronegócio; e a reforma Tributária que não diminuiu um centavo dos impostos que os pobres pagam. Enquanto isso, aos trabalha-



PSTU presente na greve da GM, em São José dos Campos (SP), em 2023

dores é reajuste zero, cortes de benefícios sociais, corte de verbas e ataques, como vimos nas recentes greves da educação e do setor da área ambiental (leia páginas 4 e 5).

PROGRAMAS DIFERENTES. MESMO COMPROMISSO COM OS BILIONÁRIOS

Bolsonaro e Lula tem programas diferentes. A ultradireita defende um projeto de ditadura. Mas também há diferenças na política econômica. Lula defende um capitalismo social-liberal, um neoliberalismo com maior presença do Estado para investir ou induzir o crescimento econômico capitalista – utilizando mais gastos públicos para financiar grandes empresas e obras – ao mesmo tempo que propõe dar crédito

para os mais pobres estudarem ou garantir os programas sociais que amparam a pobreza, como o Bolsa Família.

Esse projeto é um neoliberalismo menos radical que o de Bolsonaro. Mas igualmente implica em garantir que a enorme maioria do orçamento esteja comprometido com os bilionários capitalistas, metade dele remunerando a dívida pública e com benefícios fiscais.

Já Bolsonaro e a ultradireita defendem um capitalismo ultraliberal, em que o Estado gaste ainda menos e se possível não gaste nada com serviços públicos, que os ricos paguem menos impostos e que as forças armadas sejam ainda mais armadas e reprimam ainda mais

os pobres e, especialmente, as greves e lutas da classe trabalhador.

Lula e Bolsonaro se apoiam em setores burgueses com enfoques distintos para implementar diferentes programas igualmente capitalistas. De tal maneira que essa polarização política do país não expressa uma divisão entre os interesses dos trabalhadores e os interesses dos bilionários capitalistas. Ao contrário, trata-se de uma polarização entre dois campos que representam setores diferentes da mesma classe capitalista, ainda que o de Lula busque ganhar os trabalhadores e o povo pobre para a ideia de que é possível um capitalismo bom.

De um lado, a ultradireita bolsonarista com uma

parte dos bilionários capitalistas. Do outro, a Frente Ampliada encabeçada pelo PT com outra parte dos bilionários capitalistas. Na composição das chapas e nos programas levantados nestas eleições municipais, podemos ver isto.

DISPUTA PELA CONSCIÊNCIA DOS TRABALHADORES

Para colocar o pobre no orçamento é preciso enfrentar os bilionários

O problema do Brasil e das cidades não é falta de capitalismo, como diz a imprensa e a ultradireita. Na verdade, todos os problemas que vivemos

são causados pelo capitalismo. Todos as mazelas sociais e desigualdade do país são fruto de décadas da implementação de diferentes políticas capitalistas.

Para termos emprego para todos tem que ter redução da jornada de trabalho. Mais de 50% do país não tem saneamento básico o que poderia ser revertido

com um plano de obras públicas. Contudo, ao invés disso, o governo Lula mantém e ajuda a financiar a privatização do saneamento iniciada por Bolsonaro.

Não é possível ter uma reinindustrialização do país, mudando a matriz energética, sem o enfrentamento com os bilionários capitalistas bra-



sileiros e os setores imperiais, sejam dos EUA, Europa ou China. O governo Lula segue aprofundando a dominação e submissão do Brasil aos interesses dos países ricos, aprofundando nossa dependência e decadência.

ULTRADIREITA VIOLENTA E PRECONCEITUOSA

Os candidatos bolsonaristas, por sua vez, seguem com sua política autoritária golpista e defensora da ditadura. Querem proliferar as escolas militares que combina privatização e militarização da educação.

Promovem a

barbárie e violência racista, machista e LGBTIfóbica, destinando fake news e defendendo os interesses dos setores mais reacionários da burguesia. O exemplo maior dessa polarização será São Paulo, aonde teremos Ricardo Nunes apoiado por Bol-

sonaro e Guilherme Boulos, apoiado por Lula. Há várias cidades em que a setores da direita tentam apresentar uma suposta terceira via, em Belo Horizonte(MG) por exemplo há vários deste tipo, mas que na prática orbitam entre o bolsonarismo ou petismo.

O caso do Rio de Janeiro precisa ser destrinchado. A candidatura de Eduardo Paes reúne desde o PT até setores bolsonaristas como Otoni de Paula. Uma coisa parecida se repete em São Luís com a candidatura de Duarte Jr. apoiado pelo PT de Lula e PL de Bolsonaro.

O que explica que o PT apoie várias candidaturas da direita tradicional como Eduardo Paes e permita aliança com partidos aliados de Bolsonaro em várias cidades? Isso é a demonstração do grau de adaptação do PT à ordem capitalista. É uma das provas de que o projeto do PT não representa uma alternativa aos trabalhadores.

VOTO ÚTIL PRA QUEM?

Não há dúvida que a ultradireita representa um grande perigo para os trabalhadores. Deve ser derrotada categori-

camente em todo mundo. Então é compreensível que muitos ativistas definam suas opções de campanha e de voto “útil”em base a quem pode ganhar eleitoralmente da ul-

desilusão da classe trabalhadora com uma esquerda que governa contra os trabalhadores. É bom lembrar da Dilma que falou na campanha eleitoral em não cortar direitos tra-

“É PRECISO DEFENDER UMA CIDADE PARA OS TRABALHADORES E GOVERNADA PELOS TRABALHADORES, PARA ACABAR COM AS PRIVATIZAÇÕES. UM PROJETO QUE DEFENDA O MEIO AMBIENTE, A VIDA ALÉM DO TRABALHO E UMA CIDADE, UM PAÍS E UM MUNDO ONDE A JUVENTUDE E A CLASSE TRABALHADORA TENHAM VEZ DE VERDADE.”

tradireita. Este pensamento seria suficiente se, após ser derrotada eleitoralmente, a ultradireita sumisse do mundo. Seria fácil e ótimo se fosse assim, mas não é.

Ao perder as eleições, a ultradireita segue existindo e segue fazendo política e tem possibilidade de ganhar ainda mais gente. Isso é assim porque a ultradireita se alimenta do próprio capitalismo em crise e degeneração que vivemos e da

lhistas nem que a vaca tossisse, mas logo no governo nomeou um banqueiro como ministro e cortou direitos trabalhistas.

Hoje, devemos pensar qual política e alternativa é preciso fortalecer para derrotar a ultradireita não somente nas eleições, mas de uma vez por todas e, principalmente, para derrotar o sistema capitalista e mudar a vida de verdade. Ter como projeto gerir o sistema implica em reproduzir a direita.

O PROGRAMA DE CONCILIAÇÃO DO PT

Agora, nas eleições municipais, as candidaturas apoiadas por Lula e o PT não apresentam nenhuma medida para enfrentar de verdade os bilionários capitalistas. Não há nada sobre reestatização do sistema de transportes para ter tarifa zero, assim como, não tem nada sobre um plano de obras públicas e a criação de uma empresa pública de obras, para não seguir dando dinheiro às construtoras bilionárias. Não falam em acabar com a especulação imobiliária de bancos e construtoras, que mantém milhões de imóveis vazios e sem função social para especular com os preços. Também não encontraremos nada sobre o fim da privatização da saúde municipal, pois em várias cidades os hospitais municipais são controlados por entidades privadas.

APOIE AS PRÉ-CANDIDATURAS DO PSTU!

Fortaleça um projeto socialista para derrotar os bilionários capitalistas!

É preciso defender uma cidade para os trabalhadores e governada pelos trabalhadores, através dos Conselhos Populares para que a vida esteja acima do lucro, para acabar com as privatizações da água, da energia, da saúde, educação e transporte. Um projeto que defende o meio ambiente, a vida além do trabalho e uma cidade, um país e um mundo onde a juventude e a classe trabalhadora tenham vez de verdade. Um projeto que não é eleitoreiro, sem rabo preso com patrão e sem medo de estar do lado certo da história. Por isso, o PSTU não esconde seu apoio incondicional ao povo Palestino e cobra do governo Lula a ruptura das relações com o Estado genocida de Israel.

Apoiar e ajudar na campanha das pré-candidaturas do PSTU nessas eleições municipais é parte de fortalecer a construção de uma alternativa dos trabalhadores. Para enfrentar e derrotar a extrema direita, o caminho não é fazer aliança com a burguesia e o centrão, e nem se atrelar e apoiar o governo Lula e seu projeto neoliberal social. É preciso candidaturas que sejam oposição de esquerda e socialista, para construirmos a mobilização social necessária para defender as nossas reivindicações.

O PSTU está lançando pré-candidaturas que ao mesmo tempo são oposição de esquerda ao governo Lula e também se enfrentam contra a oposi-

ção de ultradireita bolsonarista, defendendo um programa que vá a raiz do problema que é o domínio dos bilionários capitalistas e contra esse sistema.

DE MAL MENOR EM MAL MENOR, OS TRABALHADORES FICAM NA PIOR

Ao contrário do que diz a ultradireita, Lula e o PT não são socialistas. Diferente do que diz a imprensa, o problema do governo não é que devem governar mais para o centro ou que estão muito a esquerda. Os problemas do governo é que não enfrenta os bilionários capitalistas. E não fazem isso não por um problema de correlação de forças, mas sim pelo caráter do programa que implementa.

Ao se dizer de esquerda que defendem os trabalhadores, mas ao governar para a burguesia e os capitalistas, o mais provável é terminar em desmoralização, dando espaço e gerando a possibilidade de um fortalecimento da ultradireita.

Apoiar alguma candidatura da Frente Ampla com a burguesia, encabeçada pelo PT, ainda que seja contra o bolsonarismo e a ultradireita, não ajuda as reivindicações dos trabalhadores e nem ajuda a derrotar a ultradireita de verdade. De mal menor em mal menor, os trabalhadores ficam na pior, com os bilionários capitalistas ganhando sempre.

ELEIÇÕES

PSTU tem pré-candidaturas à prefeitura em 15 capitais brasileiras

O partido também já definiu pré-candidaturas às prefeituras e/ou às Câmaras de Vereadores em outras 30 cidades



REDAÇÃO

O Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) já tem pré-candidaturas às prefeituras de 15 capitais brasileiras, para apresentar à classe trabalhadora uma alternativa com independência do governo Lula e da burguesia e para enfrentar, de verdade, a ultradireita.

Nesta edição do **Opinião Socialista**, vamos apresentar as pré-candidatas e pré-candidatos do PSTU nas capitais. Os das demais cidades serão apresentados na próxima edição.

BELÉM (PA)



Wellingta Macêdo, a Well, é jornalista, educadora social, atriz e ativista do Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe.

TERESINA (PI)



Geraldo Carvalho é professor da Universidade Federal do Piauí, ex-dirigente do Sindicato Nacional dos Docentes de Instituições de Ensino Superior (Andes-SN).

RIO DE JANEIRO (RJ)



Cyro Garcia é aposentado do Banco do Brasil, foi presidente do Sindicato dos Bancários entre 1988 e 1991. Em 1993, foi deputado federal por 10 meses, como suplente de Jamil Haddad.

FORTALEZA (CE)



Zé Batista é operário da construção civil e coordenador licenciado da Executiva Nacional da Central Sindical e Popular (CSP)-Conlutas.

SÃO PAULO (SP)



Altino Prazeres é operador de trem no Metrô de São Paulo, já foi presidente do sindicato da categoria e tem uma trajetória de luta em defesa do transporte público, pela tarifa zero e contra as privatizações.

FLORIANÓPOLIS (SC)



Carlos Muller é professor na rede municipal de ensino. Já foi diretor do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis (Sintrasem).

PORTO ALEGRE (RS)



Fabiana Sanguiné é auxiliar de Enfermagem, trabalha no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas e conta com uma trajetória nas lutas da Saúde e dos setores oprimidos.

SÃO LUIZ (MA)



Saulo Arcangeli é servidor público federal, professor na Universidade Estadual do Maranhão (Uema) e dirigente do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal (Sintrajufe).

MANAUS (AM)



Gilberto Vasconcelos é professor da rede municipal e membro da Central Sindical e Popular (CSP)-Conlutas.

SALVADOR (BA)



Victor Marinho é ativista no movimento estudantil, integra o Coletivo Rebeldia – Juventude da Revolução Socialista e é pesquisador no Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (Lemarx-Faced), na Universidade Federal da Bahia.

MACAPÁ (AP)



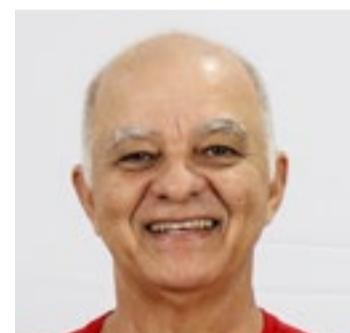
Gianfranco Gusmão é professor da rede estadual e em cursinhos preparatórios ao vestibular. Foi diretor do Sindicato da Educação (SINSEPEAP) e é membro da Central Sindical e Popular (CSP)-Conlutas.

BELO HORIZONTE (MG)



Wanderson Rocha é professor na rede municipal, diretor-licenciado do Sind-Rede, e ativista do Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe e membro da Central Sindical Popular (CSP)-Conlutas.

NATAL (RN)



Nando Poeta é sociólogo, professor e cordelista. Integra o Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese) e é um dos organizadores do Ponto de Memória Estação do Cordel.

RECIFE (PE)



Simone Fontana é ativista sindical, professora da rede municipal e integra o Movimento Mulheres em Luta (MML).

REPARAÇÃO AO Povo NEGRO

Banco do Brasil e governo federal: reparação ou apagamento da história?

 **ELIAS ALFREDO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)**

Aconteceu no Rio de Janeiro, no último dia 27 de junho, a reunião entre Ministério Público Federal, movimentos negros, representantes do Banco do Brasil (BB), Ministério da Igualdade Racial, Ministério dos Direitos Humanos e grupos de pesquisadores para tratar da pauta “tráfico de pessoas negras escravizadas e o Banco do Brasil: direito à reparação”.

A reunião entrou em um debate que é público desde 2023, que surgiu depois da apresentação de um estudo levado a cabo por 11 pesquisadores, onde se concluiu que o BB teve participação na escravidão, ou seja, “o banco financiava a escravidão e a escravidão financiava o banco”.

A pesquisa histórica demonstra que essa instituição foi responsável no processo de sequestros, tráfico e financiamento dos escravocratas, que levaram a cabo o criminoso tráfico de seres humanos africanos para serem transformados em trabalhadores escravizados no Brasil.

O caso do BB é só a ponta do iceberg. Quase todas as grandes instituições brasileiras, com mais de 150 anos de existência, lucraram com a

escravidão e seguem utilizando todo o império que ergueram com o sangue e o suor dos antepassados do povo negro brasileiro para continuar oprimindo, humilhando e explorando.

LIMPAR A IMAGEM DO BB?

Contrariando as expectativas levantadas no ano passado, ficou explícito que tem uma estratégia que visa limpar a imagem do BB, com a cumplicidade do governo federal. Foi notório, ao longo de toda reunião, a substituição da palavra “reparação” pela palavra “ação”. Isso pode até parecer algo secundário, mas não é.

A reparação também é um momento de verdade. Por isso, seria oportuno que o BB assumisse a sua participação naquilo que foi o maior crime contra a humanidade. Isso não aconteceu. Ao contrário, um dos representantes do BB disse, em alto e bom som, que o banco não cometeu crime algum.

O Ministério da Igualdade Racial não sabia muito bem o seu papel na reunião. Tanto que não levou ou defendeu nenhuma proposta. Apenas alegou a complexidade e polissemia (múltiplos significados) da palavra reparação, argu-



mento refutado por uma das pesquisadoras. Já os representantes do Ministério dos Direitos Humanos limitaram-se a apresentar os seus nomes.

REPARAÇÃO NÃO É CARIDADE

Diante da situação, devemos concluir que o debate sobre reparação pode se tornar mais um exemplo típico do racismo institucional no Brasil, particularmente no que se refere ao não envolvimento do povo negro e suas organizações populares.

O debate de reparação histórica é muito mais profundo do que o BB tenta fazer, que

é confundi-lo com caridade. O tema da reparação religa o brasileiro a seu passado histórico, ao sofrimento do povo negro, de sociedades inteiras que foram desestruturadas, de mulheres que foram estupradas, de homens que foram jogados aos tubarões, que foram acorrentados, chicoteados, humilhados e que viviam em média apenas sete anos, depois de colocarem os pés fora dos porões dos tumbeiros para pisar no chão deste país.

Todos esses crimes foram decisivos para a criação do capitalismo mundial. No Brasil, a abolição não foi acompanhada por nenhuma políti-

ca de reparações aos negros e negras por séculos de escravidão. A ausência da reparação não só condenou os antepassados do povo negro brasileiro, como também continua condenando-o no presente.

É preciso que o governo Lula assuma o seu verdadeiro papel nesse debate. Vale ressaltar que o governo federal é o principal acionista do BB e que, portanto, sua posição será decisiva sobre o tema das reparações. No entanto, não devemos confiar que o governo Lula tomará essa posição. É preciso mobilizar o povo negro e os trabalhadores para exigir a reparação histórica.

REPARAÇÃO

Com raça e classe: Um acerto de contas com a História



O crime de escravidão, promovido sobre os povos africanos, configura-se ato de lesa humanidade. Por tanto, deve ser construído formas práticas de se reparar tais crimes, cometidos pelo Estado brasileiro.

Está nas mãos das organizações do movimento negro e do conjunto da classe trabalhadora a tarefa de construir uma pauta de reivindicações de exigências dos direitos históricos negado ao conjunto do povo negro, fruto do processo da escravidão ao qual fomos submetidos ao longo de quase quatro séculos.

A titulação das terras quilombolas; apoio à produção agrícola nas terras de quilombos; a implementação de uma política de financiamento de construção de casas populares para o povo negro; investimentos em pesquisa sobre história da África; a isenção de dívidas da população negra com o BB; investimentos em infraestruturas sociais, destinados à população negra; são algumas das reivindicações dessa luta que devemos garantir, com total autonomia do movimento negro frente ao BB e ao governo Lula, por reparação histórica.

ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Não há opções para os trabalhadores



JOHN LESLIE, DO "WORKERS' VOICE/
LA VOZ DE LOS TRABAJADORES" (EUA)

As eleições de 2024 nos Estados Unidos (EUA) não oferecem opções reais para a classe trabalhadora. Temos o genocida Joe Biden contra o mentiroso, racista e reacionário Donald Trump. Mesmo antes do seu fraco desempenho no debate presidencial, em 27 de junho, Biden parecia preparado para perder. No debate, Biden teve dificuldades com suas respostas, reforçando as preocupações sobre se ele poderá assumir o cargo.

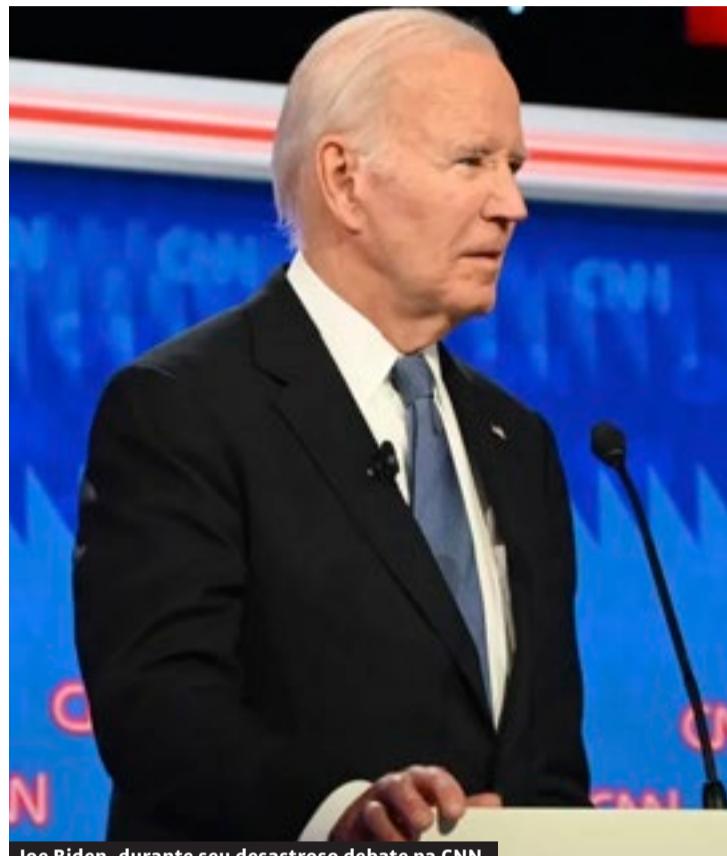
Na verdade, após o debate, o pânico se espalhou nos círculos da classe dominante e na liderança do Partido Democrata. O editorial do jornal "The New York Times", publicado no dia seguinte, dizia que o presidente deveria renunciar e abrir caminho para alguém mais capaz de ocupar o cargo. A "CNN", rede que organizou o debate, sintetizou a situa-

ção desta forma: "Se Joe Biden perder as eleições, a História registrará que dez minutos foram suficientes para destruir uma Presidência".

Mas alguns dos apoiadores de Biden, com a vice-presidente Kamala Harris, passaram a defender o desempenho de Biden. Harris afirmou que, apesar de um "início lento", Biden apresentou um "contraste muito evidente com Donald Trump em todas as questões que são importantes para o povo norte-americano". Enganar assim o eleitorado, lembra uma piada do ator e comediante Richard Pryor: "Em quem você vai acreditar? Em mim ou nos seus olhos mentirosos?"

BIDEN NÃO É ALTERNATIVA

Biden passou sua carreira a serviço de Wall Street [o coração do mercado financeiro norte-americano] e não é amigo dos trabalhadores. Ele deu



Joe Biden, durante seu desastroso debate na CNN

continuidade às reacionárias políticas de imigração do Partido Republicano, apesar deste o acusar de manter a fronteira "aberta". Isto ao ponto de um

funcionário do governo Biden chegar até a se vangloriar de ter deportado "mais indivíduos do que em qualquer ano, desde 2015".

Biden provou ser incapaz de responder às preocupações da classe trabalhadora com a inflação e ele e seu partido redobraram o apoio ao Estado de apartheid de Israel. No dia do debate, um grupo de 62 Democratas no Congresso votou, juntamente com o Partido Republicano, para ocultar o número de mortos em Gaza, impedindo o Departamento de Estado de citar estatísticas do Ministério da Saúde de Gaza.

Os democratas, liderados por Biden, enganaram e traíram os interesses dos trabalhadores ferroviários em negociações sindicais sobre contrato de trabalho. Depois de se manifestarem a favor do direito dos ferroviários, que defendiam um contrato decente, os supostos "Democratas de esquerda" votaram para impor um acordo apresentado pela liderança do Partido Democrata. Assim, deixaram evidente a contradição entre as suas palavras de apoio e as suas ações.

ULTRADIREITA

Biden merece perder. Mas Trump merece vencer?

A retórica da campanha de Trump é violenta, especialmente quando ataca os imigrantes por "envenenar o sangue do nosso país". Para Trump, os trabalhadores imigrantes são criminosos, estupradores e assassinos, que roubam os empregos dos "verdadeiros" norte-americanos.

Durante o debate, Trump repetiu o tema da "grande teoria da substituição", típica da supremacia branca, que afirma que as "elites" (muitas vezes judaicas) estão substituindo trabalhadores norte-americanos por imigrantes da América Latina.

As ideias nacionalistas brancas, que anteriormente apenas inspiravam milícias violentas e grupos neonazistas, passaram a se integrar na principal corrente política do Partido Republicano. O próprio Trump fez apelos à extrema direita nas suas campanhas.

Trump também prometeu "erradicar os comunistas, marxistas, fascistas e bandidos da esquerda radical, que vivem como vermes dentro dos limites do nosso país". Ele também prometeu um "banho de sangue" se não vencer as eleições de 2024.

DECISÃO DA SUPREMA CORTE AJUDA TRUMP

Durante o governo Trump, as nomeações para a Suprema Corte e para os tribunais federais provocaram uma forte guinada à direita no judiciário. No poder, Trump significou um ataque aos direitos reprodutivos e das LGBTQIs, ao meio ambiente e ao direito de voto.

E, em 1º de julho, a Suprema Corte protegeu parcialmente Trump contra o processo e a prisão, pelo seu papel em 6 de janeiro de 2022 [quando os manifestantes destruíram a área de proteção e saquearam o Ca-



Donald Trump, ultradireitista quer voltar a Casa Branca

pitório dos EUA, com o objetivo de impedir a certificação da eleição de Joe Biden]. Tal decisão torna os presidentes dos EUA imunes a processos por atos potencialmente ilegais realizados no exercício das suas funções "oficiais".

PROJETO DE TRUMP PARA 2025

Em nível institucional, uma nova administração

Trump seria mais eficaz nos seus ataques contra a classe trabalhadora e os setores oprimidos. O "Projeto 2025", um plano de governo detalhado em 900 páginas, estabelece um programa que colocaria praticamente toda a burocracia federal sob controle presidencial. Caso implementado, eliminaria departamentos inteiros e focaria nos funcionários fede-

rais, que atualmente estão protegidos pelas regras do serviço público. Os cargos federais seriam preenchidos por nomeações políticas, concedidas aos apoiadores leais de Trump.

O projeto também prevê "acabar com a guerra ao petróleo e ao gás natural", cortando o financiamento para projetos de energias renováveis. O programa também

reforçaria medidas anti-imigração, com a construção de um muro na fronteira com o México.

Mais de 100 organizações de direita participam do "Projeto 2025", que representa uma abordagem muito mais ampla. Como foi explicado

por Kevin D. Roberts, diretor da "The Heritage Foundation" [organização da direita conservadora que auxiliou na formulação dos planos neoliberais de Ronald Reagan], as quatro "grandes frentes que decidirão o futuro dos Estados Unidos" seriam as seguintes:

"1) Restaurar a família como centro da vida norte-americana e proteger nossos filhos; 2) Desmantelar o Estado administrativo e devolver o autogoverno ao povo norte-americano; 3) Defender a soberania, as fronteiras e a generosida-

de da nossa nação, face às ameaças globais; 4) Garantir os direitos individuais, que Deus nos concedeu, de viver livremente, o que a nossa Constituição chama de 'as Bênçãos da Liberdade'".

Roberts afirma, ainda, que "a inflação está provo-

cando estragos nos orçamentos familiares, as mortes por overdose de drogas continuam aumentando e as crianças sofrem com a normalização tóxica do transgênero, com drag queens e pornografia invadindo as bibliotecas escolares".

'MAL MENOR' NÃO NOS SALVARÁ

Capitalismo é incapaz de solucionar suas crises



Proud Boys, organização fascista que apoia Trump

O crescimento da extrema direita é um sintoma da crise do capitalismo, da incapacidade da burguesia e da subordinação da esquerda reformista. Nenhum dos partidos capitalistas tem soluções para as múltiplas crises do capitalismo. Por isso, inventam

guerras culturais e fabricam a indignação.

Uma parte da classe dominante está impaciente com a democracia burguesa, que, na verdade, é um disfarce para a ditadura da classe capitalista. Entretanto, os chamados defensores da democracia

burguesa, ao mesmo tempo que denunciam Trump como uma ameaça às suas normas "democráticas", dirigiram ataques contra aqueles que apoiam a libertação Palestina.

Longe de defender os direitos e as liberdades democráticas, como o direito de

protestar ou a liberdade de expressão, os Democratas, incluindo Biden, juntaram-se ao coro que difama os palestinos e seus apoiadores como "antisemitas" e "apoiadores do Hamas".

As eleições não são o melhor caminho para derrotar o avanço da direita. A direita está realizando um duplo ataque, dentro e fora do Partido Republicano. Grupos de extrema direita, como os "Proud Boys" ["Garotos Orgulhosos"] ou o "Patriot Front" ["Frente Patriota"] dizem ser pró-trabalhadores e disputam sua consciência. Mas, na realidade, representam uma agenda política que procura derrotar decisivamente a classe trabalhadora e os oprimidos.

Para derrotar a direita, é preciso a mobilização massiva de todos os oprimidos e ex-

plorados, independentemente dos partidos e dos patrões. As alianças eleitorais com os capitalistas e a opção pelo "mal menor" não nos salvarão da extrema direita.

Os reformistas tentarão canalizar a energia dos movimentos populares para o Partido Democrata. As campanhas de Bernie Sanders, em 2016 e 2020, foram exemplos deste tipo de política e da desorientação da esquerda. Os reformistas usaram as campanhas de Bernie para desviar a revolta contra o regime para as águas calmas do Partido Democrata. Em vez de romper com os Democratas e construir um novo partido da classe trabalhadora, a burocracia sindical, as ONGs e os reformistas se subordinaram às promessas defendidas por um dos dois maiores partidos de Wall Street.

'ENTRE A CÓLERA E A PESTE, NÃO HÁ ESCOLHA'

Por um partido da classe trabalhadora

Rejeitamos totalmente Biden e Trump. Ambos são inimigos da classe trabalhadora e dos oprimidos. "Entre a cólera e a peste, não há escolha", já dizia Jules Guesde, um socialista francês do século 19.

As soluções residem na nossa capacidade de construir movimentos democráticos de massas contra os patrões e independentes de ambos os partidos burgueses. O nosso futuro depende da ação da classe trabalhadora e dos oprimidos, não dos políticos ou dos tribunais.

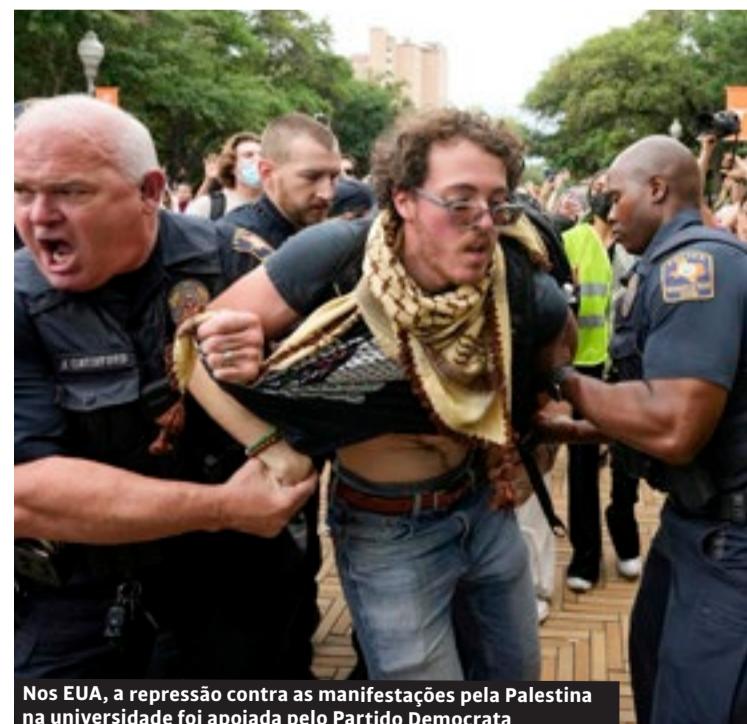
Nestas eleições, é possível registrar um voto de protesto nos candidatos socialistas

“ OS TRABALHADORES E OS OPRIMIDOS PRECISAM DE SEU PRÓPRIO PARTIDO. ESTE PARTIDO DEVE SE BASEAR NUMA CONCRETA RUPTURA COM OS DEMOCRATAS, SEM SE ADAPTAR AO MAL MENOR. TAL PARTIDO LUTARIA PELOS INTERESSES DOS OPRIMIDOS E EXPLORADOS, NAS URNAS E NAS RUAS. ”

independentes, romper com os Democratas e iniciar o árduo trabalho de construção de uma alternativa da classe trabalhadora digna desse nome.

Os trabalhadores e os oprimidos precisam do seu próprio partido. Este partido deve se basear numa concreta ruptura com os Democratas, sem

se adaptar ao mal menor. Tal partido lutaria pelos interesses dos oprimidos e explorados, nas urnas e nas ruas. Em última análise, a verdadeira transformação social não passará pelas eleições, mas por meio da mobilização e organização independentes da classe trabalhadora e dos seus aliados.



Nos EUA, a repressão contra as manifestações pela Palestina na universidade foi apoiada pelo Partido Democrata

A necessidade de um partido revolucionário nos moldes leninista



DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO

A concepção de qualquer organização (forma organizativa e funcionamento) reflete o projeto político a serviço do qual ela existe. Ou seja, espelha seus objetivos políticos.

Numa época em que impera o toma lá, dá cá do Centrão, que capturou inclusive os partidos de origem operária e popular, como o PT e o PCdoB (e com o PSOL se integrando rapidamente a essa lógica), esses objetivos políticos podem não parecer tão evidentes. O que fica nítido é a podridão do beneficiamento individual dos políticos e de seus amigos empresários. Mas, a lógica de funcionamento desses partidos, estejam mais à direita ou mais à esquerda, se estrutura em torno a um objetivo fundamental: a manutenção do capitalismo como sistema de dominação de classe.

O PSTU se construiu tendo outro objetivo como estratégia. Lutamos por uma revolução levada a cabo por trabalhadoras e trabalhadores, em parceria com o povo pobre, das grandes cidades e do campo, com a juventude e com os setores oprimidos por esse sistema (como mulheres, negros, LGBTI+, indígenas e imigrantes), empenhados na construção de um futuro comunista para a humanidade.



TRAIÇÕES DO STALINISMO E OS PARTIDOS DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES

Lutamos, portanto, para destruir, pela força da mobilização das massas, o Estado burguês e suas instituições, incluindo seus braços armados. Essa estratégia exige um tipo de partido correspondente a ela: uma organização de combate, ferreamente centralizada e profundamente democrática.

As décadas de dominação stalinista/castrista/maoísta em países que realizaram revoluções, como Rússia, Cuba e China, levaram a uma visão distorcida do que é o socialismo e, também, do que é um partido revolucionário de tipo leninista.

Diante do fracasso e das traições stalinistas, a estratégia de uma parte da vanguarda passou a ser a construção de partidos amplos, que juntam os que se denominam revolucionários com reformistas honestos, como o PSOL, no Brasil. Essa estratégia deu errado e a política desses partidos passou a ser a de grupos oportunistas com compromissos cada vez mais profundos com a burguesia, como demonstra a prefeitura de Edmilson Rodrigues, em Belém (PA), e a candidatura de Boulos à prefeitura de São Paulo (SP).

Contudo, em meio à catástrofe climática, às pandemias e às guerras provocadas pela barbárie capitalista, não existe

nada mais atual do que a luta pelo socialismo. A construção de um partido revolucionário nos moldes leninistas é um critério indispensável para a superação desse sistema.

HISTÓRIA DEMONSTRA NECESSIDADE

O capitalismo oferece cada dia mais provas de que fracassou como um sistema que possa garantir condições de vida minimamente dignas para os trabalhadores. Na situação atual, aberta com a crise econômica de 2008 e marcada por crises econômicas, políticas e sociais, a tendência é o aumento brutal da superexploração; o rebaixamento das condições de vida; a desindus-

trialização de países inteiros; a pilhagem, que chega até o ponto de guerras de dominação, e as crises nas democracias burguesas.

Essa situação tem provocado explosões sociais em vários países. Se tomarmos como exemplo apenas a América do Sul, nos últimos anos presenciamos grandes rebeliões populares em países como Chile, Equador, Argentina, Colômbia, Peru e Bolívia.

A questão é que as massas populares realizam atos heroicos de resistência e rebeldia; mas a História demonstrou que a classe operária, sem um partido revolucionário, com nitidez programática e disciplina férrea, não consegue tomar o poder contra um inimigo poderoso como é a burguesia.

Em seu “Programa de Transição”, Trotsky dizia que, sem vitória da revolução socialista, o capitalismo conduziria o mundo à catástrofe e que a crise da humanidade havia se convertido em sua crise de direção revolucionária. Essa conclusão foi retirada de uma análise profunda da realidade mundial, em uma época com inúmeras revoluções derrotadas pela ausência de direções à altura ou pelo papel da direção contrarrevolucionária do stalinismo e suas variantes.

DISPUTA PELA CONSCIÊNCIA DOS TRABALHADORES



Lenin discursando para operários e soldados

Quando escreveu “Que fazer? Problemas candentes de nosso movimento”, em 1902, sua principal obra sobre a questão do partido, Lênin explicou que, por mais que lutem, organizem greves e até motins, os trabalhadores não chegariam espontaneamente, a partir desses processos de luta, a uma consciência comunista. Essa consciência, segundo ele, viria de fora, da ação do partido.

Essa concepção se refletiu, anos depois, em uma orientação sobre a estrutura e a ação dos partidos que construíram a Internacional Comunista, através de uma resolução (“A Estrutura, os métodos e a ação dos Partidos Comunistas”), aprovada em seu terceiro congresso, em junho de 1921, que defendia que “nossa tarefa mais importante antes do levante revolucionário declarado é a

propaganda e a agitação revolucionária”.

Significa que a razão de ser do partido é fazer a revolução e construir o socialismo. Mas, antes do “levante revolucionário”, é preciso travar um combate à morte contra as ideologias com as quais a classe dominante busca confundir os trabalhadores e o povo pobre, sejam as de tipo liberal, as reformistas ou as reacionárias.

LUTA PELA AUTO-ORGANIZAÇÃO

Essa não é uma tarefa fácil. A burguesia dispõe de meios muito mais avançados de propaganda, que bombardeiam os trabalhadores e trabalhadoras todos os dias. No Brasil, o PT, com suas traições, teve um papel funda-

mental no desmonte da consciência classista formada pelo ascenso da década de 1980.

No governo, o partido de Lula não só defende ideologias liberais, como a do empreendedorismo e a capitulação às igrejas pentecostais, como também cumpre um papel de agente da

burguesia, nos ataques contra a classe trabalhadora, o que levou várias gerações de trabalhadores à desilusão. O resultado disso é que parte da própria base que ajudou a construir o PT, em seu surgimento, hoje é base de alternativas de ultradireita, como Bolsonaro.

O papel do partido revolucionário é dar uma luta sem tréguas, em oposição a todas essas correntes burguesas, para disputar a consciência dos trabalhadores para uma alternativa socialista e revolucionária. Para isso, atuamos nos sindicatos e movimentos; disputamos eleições

e, por vezes, temos parlamentares; fazemos panfletos e publicamos jornais, revistas, livros, sites e redes sociais.

Mas todos esses instrumentos somente são válidos se tomados com a perspectiva de desenvolver a consciência e a auto-organização dos trabalhadores no sentido da revolução.

ORGANIZAÇÃO

Centralismo democrático e democracia interna

Um princípio organizativo fundamental do partido revolucionário é a ideia de que, após realizados debates que votam uma determinada linha política, a minoria se subordina à maioria, permitindo a unidade de ação, de todo o partido, em torno à política votada pelos organismos.

O centralismo democrático não é apenas um problema de organização. É ele que permite a própria realização da política e sua aferição na realidade, através de uma atuação centralizada da militância de Norte a Sul do país, e, depois, o balanço de sua aplicação, com a avaliação se foi correta ou errada.

Essa ação unificada do partido se apoia numa ampla democracia interna, onde todos os militantes, através de seus organismos, de congressos e conferências, participam ativamente dos debates, das elaborações e das decisões.

OS REFORMISTAS E O “CENTRALISMO PARLAMENTAR”

PT e PSOL são partidos que não adotam essa metodologia. Nesses partidos, os dirigentes que têm cargos nos sindicatos ou nos parlamentos são os que decidem sobre sua atuação, não os militantes na base.

Isso é um problema democrático, mas não somente. Esses dirigentes, sejam sindicais ou parlamentares, são os mais pressionados pelos aparatos aos quais respondem. O controle das bases é o que pode confrontar essa pressão e permitir que o partido atue nesses aparatos sem capitular a eles.

O centralismo democrático, assim como a forma de partido leninista, foi deturpado por sua versão burocratizada pelo stalinismo, que adotou a proibição permanente de frações e tendências e o cerceamento do debate interno.



Conferência Eleitoral do PSOL de 30 de abril de 2022

Defendemos um centralismo em que os núcleos do partido sejam ouvidos, através de congressos, e que a minoria se submeta à maioria. Um partido onde a vontade da maioria seja aplicada na realidade e, depois, possamos realizar balanços da política aplicada e da direção eleita pela base para aplicá-la.

INTERNACIONALISMO

Um partido revolucionário precisa ser parte de uma Internacional revolucionária

Um aspecto fundamental do nosso programa é que não existe revolução socialista em escala nacional. Essa compreensão programática também encontra uma correspondência organizativa. Não existe um partido trotskista separado de uma internacional.

O stalinismo, primeiro, transformou a Internacional Comunista em um aparato mundial da contrarrevolução, a serviço da defesa da União Soviética, não da construção do socialismo em nível mundial. E, em 1943, dissolveu a Internacional em definitivo, a pedido do então Primeiro-Ministro britânico, Churchill.

O trotskismo, isolado durante décadas, acabou por se fragmentar em várias organizações que, hoje, reivindicam a Quarta Internacional centralizada.



Contudo, muitas delas assumem um programa oposto ao que defendia Trotsky e formam algo mais parecido com uma federação de partidos nacionais, do que uma verdadeira Internacional centralizada.

Defendemos que a construção do PSTU é parte (e não pode ser realizada de forma separada) da construção de um partido mundial da revolução socialista. Coerente com essa concepção, o PSTU é parte da

construção da Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (LIT-QI) como embrião de um partido mundial, para reconstruir a Quarta.

UM PARTIDO PARA FAZER REVOLUÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO

O PSTU é um partido de militantes revolucionários que lutam pela superação desse sistema de exploração e opressão que está levando a humanidade às catástrofes ecológica e social. Nossa visão do mundo e nossa estratégia se desdobram em uma concepção de partido de militância disciplinada e democraticamente centralizada, no Brasil e no mundo, para enfrentar um inimigo poderoso.

Construir esse partido não é uma tarefa fácil e certamente não

o fazemos sem erros. Tampouco, essa é uma tarefa concluída. Ao contrário disso. Mas, não existe alternativa para a humanidade com a permanência do capitalismo e não é possível superar esse sistema sem um forte partido da vanguarda revolucionária, com influência sobre a classe operária e os setores populares. Nossa programa e nosso partido estão a serviço desse projeto.

“O PSTU É UM PARTIDO DE MILITANTES REVOLUCIONÁRIOS QUE LUTAM PELA SUPERAÇÃO DESSE SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO QUE ESTÁ LEVANDO A HUMANIDADE ÀS CATÁSTROFES ECOLÓGICA E SOCIAL.”

ENTREVISTA

“Queremos solução e transparência, porque esta tragédia pode acontecer de novo”

DA REDAÇÃO

Dois meses após enchentes e nada está normal. Mais de 6.900 pessoas seguem em abrigos ou nos chamados “centros humanitários”. Nenhuma casa foi entregue às pessoas que perderam tudo e há grande dificuldade para as pessoas terem acesso aos “auxílios” prometidos pelos governos.

Além disso, inúmeras escolas e postos de saúde ainda não voltaram a funcionar e o transporte público está um caos, com a ausência de funcionamento do Trensurb (ferrovias). Até o fim de junho, foram 737 diagnósticos e 43 mortes por leptospirose. Por isso, a insatisfação e indignação seguem em alta.

Confira a entrevista realizada com Arli Vera Antunes, moradora do bairro popular Sarandi e organizadora da Comissão de Moradores Fiscaliza Sarandi. A entrevista completa está no portal do Opinião.

Houve uma manifestação em uma importante rua do Sarandi, na sexta-feira passada (05/07), da qual você foi uma das organizadoras. O que levou os moradores a se organizarem e levarem esse protesto para as ruas?

Arli – Além da exigência da limpeza das ruas, várias mães reclamaram que as crianças estavam há quase 60 dias sem aulas. Mas, a principal reivindicação é que a Prefeitura se comprometa em fazer um conserto definitivo no dique. Porque, em maio, foi feito um conserto provisório. Ainda há deslizamento de terra, têm alguns pontos frágeis, tem rachadura. Isto gera uma enorme ansiedade e muito medo em todos nós. Cada vez que chove, os moradores não conseguem dormir direito.

E nós queremos ter uma solução. E já. Não é para deixar uma solução para o próximo mandato na prefeitura.



Arli Vera Antunes, da Comissão de Moradores Fiscaliza Sarandi



Enchentes no Rio Grande do Sul castigaram sobretudo a população mais pobre

Conta pra gente sobre a formação da Comissão de Moradores, da qual você é uma das impulsoradoras. Qual é o motivo da constituição dessa comissão no Sarandi?

Arli – Nós resolvemos fazer uma comissão de moradores porque queremos entrar com uma ação junto ao Ministério Público para que nós, moradores, tenhamos o direito de fiscalizar as obras desse sistema antienchente. Nós queremos ter o direito de chegar nessas casas de bombas com poder de fiscalizar. Nós queremos saber se está funcionando, se tem gerador. E, mesmo hoje, depois de 60 dias das enchentes, só 60% do sistema das casas de bomba estão funcionando. Se

acontecer uma chuva de 200 milímetros, como aconteceu na Primavera do ano passado, em outubro, eu não sei se dá conta, hein? Não é possível uma cidade do tamanho de Porto Alegre, uma grande cidade, capital do estado, ter um sistema tão precário como esse.

Nossa luta é para isso. Que a prefeitura seja obrigada a prestar contas, compartilhar e discutir com a Comissão de Moradores qual é a melhor situação para o nosso bairro. Por exemplo, o prefeito falou que 500 casas precisam ser removidas. Nós não sabemos quais são as casas e nem onde estão. Ele discutiu isso com os moradores? Onde é que vai botar essas pessoas?

“QUEREMOS CONTINUAR MORANDO ALI, COM SEGURANÇA. SENÃO, DAQUI A ALGUNS ANOS, A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA COMPRA OS TERRENOS, CONSTRÓI PRÉDIOS E, AÍ, SIM, VÃO SE IMPORTAR EM ARRUMAR OS DIQUES.”

Nós é que iremos sofrer esse impacto. Queremos solução. Queremos transparência porque esta tragédia pode acontecer de novo.

A gente sabe que, inclusive, uma série de empresas e empreendimentos imobiliários tem interesse em ocupar esse território. O que você pensa sobre isto?

Arli – Hoje mesmo eu falei com uma amiga e ela me disse: “Eu não quero ir morar em uma cabana da ONU. Eu quero ir para uma casa decente. Eu não entendo por que esses prédios públicos que estão vazios, aí no Centro de Porto Alegre. Por que não alojam os desabrigados?”

A Vila Elizabeth, por exemplo, tem uma ótima localização. Então, existe interesse de pessoas, gente de

olho em nossas casas ali. Muitos moradores colocaram suas casas à venda. E se aproveitam disso para desvalorizar o nosso local e comprar nossas casas, baratinho. Na semana passada mesmo, uma casa que, antes da enchente, valia R\$ 400 mil; agora, foi comprada por um empresário, à vista, por R\$ 300 mil. Então, existe interesse de pessoas de olho nas nossas casas ali. O que nós queremos é continuar morando ali, com segurança. Queremos dormir todas as noites com chuva. Senão, daqui a alguns anos, a especulação imobiliária compra os terrenos, constrói prédios e, aí, sim, vão se importar em arrumar os diques.

Há comentários de que obras de empreendimentos comerciais e industriais, no entorno do Sarandi, prejudicaram o sistema de drenagem e agravaram a enchente na região.

Arli – Sim. Será que esses aterros que aconteceram ali perto da Havan, da Coca-Cola, não influenciaram na inundação do bairro? Será que essa expansão do aeroporto teve um sistema de drenagem correto? Sabemos que irão instalar um condomínio de empresas, ali próximo. Vai ter um aterro. E nós nem fomos consultados ou informados. Fizeram um relatório de impacto ambiental? Este é mais um motivo para criar essa comissão.

Queremos ter acesso a toda essa documentação. Queremos ter laudos de engenheiros de confiança. Nós somos os principais envolvidos em mexer toda essa infraestrutura. Vai ter um impacto muito forte nessas vilas. E nós não sabemos de nada.

Se a gente tiver essa Comissão, tiver acesso a essa documentação, nós podemos ter certeza de que houve negligência de vários órgãos para facilitar o crescimento imobiliário. Por isto, a gente tem que estar sempre fiscalizando o nosso direito. Senão, nós vamos ser varridos também.